

RUBEM BRAGA

O MORTO

Ora, havia dois homens mortos e varias mulheres chorando. E entre as mulheres estava uma senhorita, que não mais chorava. Apenas tinha os olhos nublados e olhava fixamente os pés de um morto; olhava sem vêr. Nos seus olhos dansavam antigas scenas de vida; eram recordações e possivelmente, saudades de momentos cheios de luz. Que pensar na morte em si mesma é coisa absurda e confusa; nós pensamos na vida dos que morreram quando essa vida é ligada á nossa vida. Deante do morto temos então saudade de nós mesmos; porque na verdade não somos exactamente vivos: somos todos sobreviventes. Sobrevivemos ás nossas proprias mortes; são intimas e confusas mortes que ás vezes mal percebemos. Quando alguém que era alguma coisa de nós deixa de viver sentimos que estamos morrendo um pouco nesse alguém. Assim quando arrancam as arvores de nossa rua morremos um pouco na morte daquellas arvores. Já não somos os mesmos, sem as arvores. Aquelle homem que vivia em uma rua cheia de arvores morreu; agora existe outro homem que vive em uma rua sem arvores. Quando a cidade se transforma e cresce, nós morremos e nascemos outra vez, sem sentir, dentro da cidade. É uma photographia de uma praça antiga onde trabalhamos, ou amamos, ou luctamos, é tão triste como o retrato de uma pessoa querida que morreu: tão triste como um nosso retrato antigo.

Provavelmente a senhorita não pensava essas coisas. E fazia bem, que nada vale pensar tamanhas tolices. Pois o que ahí em cima ficou escripto são pobres jogos de palavras no vacuo. A senhorita apenas olhava sem vêr os pés do defundo, e pensava talvez naquella tarde em Copacabana ou naquelle dia de chuva em que fol na casa de titia n. Tijuca. Quem o sabe? O diabo diga o que pensam as senhoritas quando estão olhando sem vêr, si é que pensam alguma coisa. Assim estava a senhorita quando, de repente, seus olhos cresceram: os pés do defunto se moviam.

Conta o telegramma do Rio que ella pediu auxilio a uma outra senhorita; e as duas olharam os pés do defunto. Elles se moviam devagar para um lado e para outro. Moviam-se devagar, mas nervosamente, com um rythmo convulso. E as senhoritas gritaram e apontaram os pés do defunto. E todas ás mulheres olharam e todas as mulheres viram, e todas as mulheres gritaram e sahiram correndo.

O medico explicou que se tratava de contracções nervosas "post-mortem", phenomeno que a sciencia explica. Grandes coisas explica a sciencia. Mas tu, oh defunto, só tu sabes porque moveste os pés. Muito andam neste mundo, e por muitos caminhos, os pés de um homem. Andam atraz de allegros pés de mulher dobrando esquinas, em tardes mansas; andam nos errados caminhos nocturnos. Andam nas pralás brilhantes de sol; andam lentamente para a morte, andam pesadamente para o trabalho. E nessas andanças, ou lyricas ou não, os pés de um homem aprendem um rythmo de andar. Uns parecem pedir desculpas ao chão, como escreveu

o poeta, por serem obrigados a pisar nelle; outros o pisam com força e dominio, e estes são dos donos da terra. E multos pés se affieçoam a certos caminhos e por alle levam o homem distraído; acaso nunca teus pés jamais te levaram, oh homem, ao portão da amada antiga? Acaso nunca te conduziram por ruas estranhas onde não tu, m. elles quizeram ir?

Tu estavas morto e bem morto, oh defunto do Hospital Carlos Chagas. Mas teus pés queriam talvez descer a escada do hospital, pisar a rua. Aonde iriam? Entrariam em uma casa silenciosa de arrabalde ou se encolheriam melancolicos em baixo de alguma discreta mesa de um velho bar? Talvez vagassem como dois pobres e pequenos cães gemeos e vagabundos pelas ruas inquietas, sem destino; talvez, escravos de longos deveres e necessidades, caminhassem automaticamente para um lugar de trabalho. Mas eu creio, defunto, que elles queriam ir em algum lugar onde não os quizeste levar, onde não deixaste que elles te levassem. Elles marchariam pelos caminhos eternamente prohibidos, caminhariam nervosamente e ternamente para junto de alguém, caminhariam para uma vida diferente que tu não quizeste ou não pudeste viver. Oh, pelo menos um dia em nossa vida demos toda a liberdade aos nossos pés. Que elles andem por onde quizerem andar, pelos caminhos que supponmos errados; que elles andem como dois magnificos pequenos e fortes animaes selvagens. Que não há caminhos certos nem errados, pois todos acabam no mesmo. Que elles andem, que elles andem em qualquer direcção para depois de nossa morte não se moverem com desespero e angustia, presos ao nosso corpo inerte.